



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

MOBILIZAÇÃO SOCIAL DOS PESCADORES DA PRAIA DO PAQUETÁ (CANOAS, RS): TECNOLOGIA SOCIAL E CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS

Juliana Pugliese Christmann, Cleusa Maria Gomes Graebin (orient.), Maria de Lourdes Borges (coorient.)
Unilasalle

Resumo

O trabalho tem por objetivo iniciar reflexões para a construção de projeto de tese, problematizando a mobilização social dos pescadores da Praia do Paquetá (Canoas, RS). O estudo relaciona Tecnologia Social (TS) e construção de memórias, inter cruzando espaço e construção de identidade.

Palavras-chave: Pescadores da Praia do Paquetá, Memória, Tecnologia Social.

Área Temática: Ciências Humanas - Interdisciplinar.

1. Introdução

A Praia do Paquetá é uma vila habitada por pescadores do município de Canoas/RS, localizada às margens do Rio dos Sinos, limítrofe do Parque do Delta do Jacuí (confluência dos rios Gravataí, Sinos, Jacuí, Taquari e Cai). Trata-se de um conhecido ponto de lazer da população mais carente da região, cujos moradores são representados pela Associação de Moradores e Pescadores da Praia de Paquetá (AMPPP).

Em pesquisa para dissertação de mestrado, verificou-se que a maior parte dos pescadores é analfabeta e possui baixa renda, o que é agravado pela poluição das águas e a alteração do ambiente que interfere no trabalho da pesca. Pescar é uma atividade que praticam desde a infância, com modo de fazer transmitido geracionalmente. Sofrem com a falta de estrutura e aguardam, por parte do poder público, investimentos em diversas áreas, carecendo de espaços de regramento e de fiscalização competente que os auxiliem a manter sua integridade profissional. Sua existência na cidade de Canoas só é lembrada nos períodos mais chuvosos quando ocorrem calamidades climáticas e no momento de celebração da Festa de Navegantes (CHRISTMANN, 2015).

Sua mobilização para o enfrentamento de problemas estruturais foi tangenciada quando do estudo sobre a construção das memórias dos pescadores, no Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais. Porém, foi possível perceber que delegam a um membro da AMPPP a sua representatividade. Neste sentido, no processo de reflexão para a elaboração do projeto de tese, tem-se a hipótese de que é possível, a partir do diagnóstico e da problematização dos movimentos para a resolução de suas demandas, por meio da construção de memórias, o desenvolvimento conjunto (pesquisador/pescadores) de tecnologia social que promova empoderamento, fomento de mobilização de número maior de representantes, para a busca de espaço em discussões nas instâncias públicas municipais, estaduais e esferas profissionais, bem como de inclusão social.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

O Projeto de Tese encontra-se em fase exploratória, buscando a aproximação com os referenciais teórico-metodológicos e realizando reflexão sobre conceitos e categorias operatórias. Busca-se, a partir da construção de suas memórias, aprofundar conhecimentos sobre os pescadores da Praia do Paquetá (Canoas, RS), sobre situações sociais relacionadas a espaço e identidades coletivas; construir instrumento de mapeamento social; elaborar banco de dados dos conhecimentos dos pescadores, associados aos saberes e fazeres pesqueiros, à biodiversidade e às formas organizativas.

2. Marco Teórico

Para a construção do projeto de tese, discute-se o cruzamento dos conceitos de espaço, identidade e memória, pois emergem no reconhecimento do sujeito como protagonista da ação social, e as relações com a Cartografia ou Mapeamento Social e esta como Tecnologia Social.

Não se pode falar de pescar sem ter em mente o espaço em que se dá a atividade, pois sem este não há condições daquela ser realizada. Neste sentido, refere-se ao espaço como físico também como uma construção social visto que este toma sentido, a partir das relações com ele estabelecidas pelo ser humano.

O reconhecimento de uma coletividade enquanto grupo remete às questões identitárias, as quais envolvem o entendimento de memória. Para Pollak (1992), trata-se de um fenômeno que se dá em relação ao outro, a partir de três critérios: aceitabilidade, admissibilidade e credibilidade. A memória e identidade são negociadas pelos indivíduos ou grupos, são valores disputados, que podem opor grupos políticos diversos e elementos de um grupo em particular. Manifestam-se então, por exemplo, na disputa por hierarquização de datas, de personagens ou acontecimentos.

O papel do indivíduo no processo de reconstrução de memórias, como Halbwachs (2004) reforça, dá-se na importância da informação como mediadora daquele. Para o autor, a memória nunca parte do vazio, ela é apropriada pelo indivíduo em interação com outros indivíduos, com o espaço e a partir das diversas experiências pelas quais passam em processo contínuo de transformação. O indivíduo está inserido no espaço, ele o transforma à sua própria imagem.

Ao afirmar que a memória é um fenômeno coletivo e social, Pollak (1992) afiança que os elementos constitutivos da memória podem ser os acontecimentos vividos pessoalmente ou ainda vividos por tabela. Neste último caso, são situações das quais nem sempre o indivíduo participou, mas vividas no grupo ou pela coletividade. Em relação às experiências do indivíduo, no caso da vida privada, as memórias estarão em torno da família, cotidiano, vida no lar, entre outros, o que se percebe em se tratando do grupo em questão.

Toma-se ainda que a identidade se faz gradativamente, como base nas experiências que são vividas ou até mesmo rememoradas. A memória é o componente essencial para a identidade do indivíduo e sua integração social; está presente nas noções de construção e seleção, significação de consciência. A imagem que o indivíduo tem de si é, portanto, produto de sua experiência social e das formas da interposição simbólica dessa experiência (TEDESCO, 2004).

Este reconhecimento do indivíduo na formação de sua identidade e na construção da memória está intimamente relacionado ao espaço que ele ocupa. Para explorar esta



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

relação na identificação do grupo inserem-se conceitos da Cartografia Social para captar os dados na localidade objeto do estudo.

A Cartografia Social implica em não delimitar o espaço tão somente pelos objetos geográficos, mas pelos conhecimentos associados a seu uso, onde se incorpora o conhecimento dos diferentes interesses, levando à legitimidade (ACSELRAD, 2010). Busca preservar o patrimônio socioeconômico e cultural das comunidades e também melhoramentos estruturais que possibilitem uma melhora na qualidade de vida daquele grupo. Os projetos de Cartografia Social que desenvolvem o mapeamento comunitário pressupõe a participação da comunidade para o levantamento de seus territórios, suas fronteiras e domínios. São características deste método as relações que ela se propõe em desenvolver o empoderamento social, com a participação dos indivíduos pertencentes a um grupo os quais têm uma necessidade a ser resolvida ou entendida. Este é um viés que liga a Cartografia Social com a Tecnologia Social e os preceitos desta serão apresentados a seguir.

As Tecnologias Sociais compreendem produtos, técnicas ou metodologias replicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que representem efetivas soluções de transformação social e que sejam de domínio público (RODRIGUES, BARBIERI, 2008). Têm como fundamentos para sua disseminação, a participação das pessoas das comunidades que as desenvolvem e a busca da sustentabilidade (social, econômico e ambiental) na elaboração das soluções (BORGES, 2013). Somam-se ainda na Tecnologia Social as premissas que seus produtos, técnicas ou metodologias replicáveis desenvolvidas com o grupo promovam a interação com a comunidade e que estimulem uma verdadeira transformação social (RODRIGUES, BARBIERI, 2008).

Como possibilidade de reaplicação da Cartografia como Tecnologia Social, foram identificadas no Banco de tecnologias da FBB, o Ecomapeamento (FBB, 2016) e os Acordos Sustentáveis em Unidades de Conservação (UC) na Amazônia (2016). No Ecomapeamento (2016) tratou-se de uma tecnologia que permitiu a mobilização e articulação social da comunidade na sua região, tendo como ponto de partida a sua microrregião hidrográfica. A ação propiciou reconhecer as atividades no entorno, permitindo diagnosticar as práticas cotidianas dos moradores e como se comportam em relação às questões socioambientais (uso do solo, água, resíduos, lazer, educação, saúde) de sua localidade.

Observou-se estreitas relações e possibilidades do desenvolvimento da Cartografia Social como uma Tecnologia Social, por meio do “Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial contra o Desmatamento e a Devastação”, executado entre 2011 e 2015, seus produtos finais foram compilados por Almeida e Marin (2015) em um catálogo único com os materiais desenvolvidos por diversas comunidades. Em algumas de suas reflexões sobre a relevância na sua utilização, os autores entendem o mapeamento comunitário como meio de dar voz aos anseios dos que tem menos estudo. Os pesquisadores dividiram com as comunidades protagonistas das ações, o poder que tinha por característica, a supremacia do Estado nos mapas ditos como os oficiais. Ainda ressaltam que o mapa feito pelo povo dá força e visibilidade para suas discussões. Assim, com base nestes pressupostos, é que se espera trazer contribuições para os pescadores da Praia do Paquetá.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

3. Metodologia

A pesquisa de tese será de natureza qualitativa (MINAYO, 2009) com revisão sistemática de bibliografia para a construção do arcabouço teórico, aprofundando e cruzando relações entre memória, identidade, mobilização social e tecnologias sociais. Como ponto de partida pretende-se a realização de Diagnóstico Social, a partir do desenvolvimento com o grupo da sua Cartografia Social (ACSELRAD, 2010). Isto envolve outras metodologias com as quais já se tem proximidade, como o caso da história oral. Serão realizadas entrevistas (histórias de vida) a partir dos aportes de Meihy (2005). Este autor discute o caráter da história oral, indicando-a como uma metodologia que busca dar voz aos que são marginalizados e excluídos e assim entender as subjetividades. Visando àqueles cujas vozes não foram ouvidas, como é o caso dos pescadores da Praia do Paquetá, pretende-se que o resultado da pesquisa auxilie como fator de transformação e no respaldo de elementos para elaboração de uma tecnologia social.

A escolha da metodologia da história oral se dá em razão do seu caráter interdisciplinar, pois, dialoga com diversas áreas e as fontes orais podem ser utilizadas de formas variadas. Os testemunhos dos pescadores são fontes de caráter memorial, mas isto não impede o tratamento analítico das informações ali presentes (HARRES, 2008), portanto, para a análise dos dados coletados a partir das entrevistas, recorre-se à análise de conteúdo (BARDIN, 1977; GOMES, 2009; MINAYO, 2009). Na análise de conteúdo das entrevistas pretende-se construir um planejamento seguindo as fases do método estruturado por Gomes (2009) que compreende: a leitura compreensiva por meio da seleção dos dados, identificando as particularidades e pressupostos iniciais que sirvam de balizadores para análise e a interpretação do material; na exploração do material quando será feita análise de fato, com a distribuição dos trechos ou fragmentos das entrevistas; e a síntese interpretativa, que será o reagrupamento por temas encontrados que permita a sua articulação com os objetivos, questões e conceitos teóricos que orientaram a análise (GOMES, 2009).

Na construção metodológica no que se refere à Tecnologia Social pretende-se utilizar a *Grounded Theory* (JACOBUS; SOUZA; BITENCOURT, 2012) que é um método de caráter inovador que se mostra um instrumento adequado em pesquisas sociais que propõe a proximidade entre a teoria e o saber empírico, com o objetivo de explorar novas áreas e entender fenômenos pouco compreendidos. O fio condutor do entendimento da Cartografia Social (ACSELRAD, 2010, 2008) é a participação dos sujeitos envolvidos no contexto social, em todas as fases do seu processo de reconhecimento. É pressuposto desta técnica que os sujeitos que vivenciam uma realidade social e que a queiram modificar, participem ativamente do seu processo, seja por meio da geração presente ou futura, a partir do empoderamento do grupo. Os projetos de Cartografia Social que desenvolvem o mapeamento comunitário pressupõe a participação da comunidade para o levantamento de seus territórios, suas fronteiras e domínios. Aqui se pode perceber que o entendimento mais simples, feito com uma base cartográfica já existente ou a construção de um desenho, é mais palatável para pessoas com baixo grau de instrução formal.

Portanto a construção metodológica deste projeto tem como item agregador a participação do sujeito objeto do estudo. Ela prevê o envolvimento e participação do mesmo em diversos momentos, dialogando com a pesquisa e com o pesquisador. Os processos aqui listados preveem momentos de troca, interação e retornos, propondo um diálogo contínuo entre as partes envolvidas durante todas as etapas da pesquisa.



XII SEMANA CIENTÍFICA UNILASALLE – SEFIC 2016
Canoas, RS – 17 a 21 de outubro de 2016

CONSÓRCIO DOUTORAL

ISSN 1983-6783

Referências

ACSELRAD, Henri. **Sobre os usos sociais da cartografia**. 2010. Disponível em: <http://conflitosambientaisimg.lcc.ufmg.br/wpcontent/uploads/2014/04/ACSELRAD_Henri_-_Sobre_os_usos_sociais_da_cartografia.pdf> Acesso em: 20 nov. 2015.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de, MARIN Rosa Elizabeth Acevedo... [et al.]. **Catálogo Mapeamento social contra o desmatamento e a devastação** / Organização, – Manaus : UEA Edições, 2015. 70 p. : il. color. ISBN 978-85-7883-320-6

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 1977.

CHRISTMANN, Juliana. **Pescando Memórias na Praia do Paquetá – Canoas/RS**. Unilasalle. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais. 2015.

FBB. Fundação Banco do Brasil. **Banco de Tecnologia Social**. Disponível em: <http://www.fbb.org.br/tecnologiasocial/> acessado em junho 2016. FBB.

GOMES, Romeu. **Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa**. In. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 2004.

HARRES, Marluza Marques. **História oral: algumas questões básicas**. Anos 90. Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 99-112, dez. 2008.

JACOBUS; SOUZA; BITENCOURT. **O que Fazem Afinal os Pesquisadores que Praticam Grounded Theory?**. ANPAD, 2012

MEIHY, J. C. S BOM. **Manual de História Oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. 80 p. (Coleção temas sociais; 1). ISBN 9788532611451.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <http://www.pgdef.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Acesso em: mar. 2014.

RODRIGUES, Ivete; BARBIERI, José Carlos. **A emergência da tecnologia social: revisitando o movimento da tecnologia apropriada como estratégia de desenvolvimento sustentável**. rap — Rio de Janeiro 42(6):1069-94, nov./dez. 2008.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo, RS: Ed. da UPF; Caxias do Sul, RS: Ed. da UCS, 2004. 327 p. ISBN 8575151983.